



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Caldeira de Andrada, Edla Grisard

Novos Paradigmas na Prática do Psicólogo Escolar

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 18, núm. 2, maio-agosto, 2005, pp. 196-199

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18818207>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Novos Paradigmas na Prática do Psicólogo Escolar

Edla Grisard Caldeira de Andrade¹
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

Este trabalho reflete acerca das implicações paradigmáticas envolvidas na prática do Psicólogo Escolar nos dias de hoje, modificada radicalmente ao longo de sua história voltando-se para uma prática relacional, baseada em um pressuposto de construção histórica e social. Entretanto, quando este profissional adentra uma instituição educacional, depara-se com inúmeras falta de compreensão de outros profissionais da educação acerca do papel do psicólogo na escola; manutenção de uma prática individualista (o problema está no aluno ou na sua família), caracterizando um pensamento cartesiano e linear de causalidade. Porém, as posturas, poderão criar espaços de reflexão junto aos sujeitos da escola, visando criar condições mais justas de existência. A partir das históricas e culturais e da teoria sistêmica, apresentam-se formas de criação destes espaços de reflexão acerca dos problemas. Os resultados apontam para uma nova prática do profissional de psicologia escolar.

Palavras-chave: Psicologia escolar; teoria sistêmica; psicologia histórico-cultural.

New Paradigms on the School Psychologist's Practice

Abstract

This article is a reflection on the paradigmatic implications involved on the practice of the school psychologist, which has been modified radically over time, returning to a relational practice, based on the presupposition of the historical social constitution of the human being. However, when this professional works in an educational institution faces several difficulties, such as: lack of comprehension from the other professionals of the school board about the role of the psychologist at school; maintenance of an excluding and individualist practice (the problem is with the student or in his family), characterizing a linear and Cartesian thought. However, confronting practices, the school psychologist creates situations in order to think together with school board on better and fair existing conditions. Based on the presupposition of the historical psychologist as well as the systemic theory, new forms of creation of these situations are presented and the results point to a new practice of the school psychologist.

Keywords: Educational psychology; systemic theory; cultural-historical psychologist.

Apesar de a Associação Brasileira de Psicologia Escolar / Educacional (ABRAPEE: www.abrappee.com.br) considerar como Psicólogo Escolar aquele cuja *atuação se caracteriza mais pela intervenção na prática, enquanto que a dos psicólogos educacionais, geralmente, se direciona para as áreas de ensino e pesquisa*², considero impossível o trabalho do Psicólogo Escolar, sem esse olhar do pesquisador, que observa, analisa, avalia e escreve novas possibilidades de atuação, principalmente quando observamos a atual conjuntura da Psicologia Escola/Educacional no país, onde ainda se busca sua identidade a nível curricular e principalmente na sua prática institucional. Por isso, utilizarei neste artigo o termo Psicólogo Educacional para todo e qualquer especialista que atue no âmbito educacional, especialmente o de ensino regular público.

Convém lembrar que as especialidades do profissional de

e apresentadas às entidades nacionais que representam a área, para revisão e reformulação.

Dentre as especialidades, encontramos a de Psicólogo Educacional, cuja atuação deve estar *no âmbito da educação, realizando pesquisas, diagnóstico e intervenção preventiva e curativa individualmente. Envolve, em sua análise e intervenção, o sistema educacional que participam do processo de ensino e aprendizagem*.

Dessa forma, entendendo o trabalho do Psicólogo Educacional como acima descrito, este artigo contempla os desafios que se apresentam quando se trata desta especialidade ao longo da história da Psicologia no Brasil, assim como sua consequente prática. Considero que, apesar das dificuldades atuais do Psicólogo Educacional, que se encontra atuando em Escolas da Rede Pública, é preciso nas buscas firmar a identidade desta especialidade.

psicologia do desenvolvimento infantil, do excepcional, psicologia diferencial, da aprendizagem, os testes e as medidas, centralizando os problemas de aprendizagem no aluno e concretizando a existência de uma norma, de um padrão de aprendizagem e desenvolvimento considerado normal, adequado e esperado.

Durante muito tempo, permaneceu a idéia de que a prática desse profissional, cujos instrumentos iniciais eram testes para medir a capacidade dos alunos, separando os aptos dos não aptos para a aprendizagem, caracterizando um pensamento excludente, moderno e linear, ou seja, de causa e efeito.

Os testes parecem ter dado lugar à lei do diagnóstico ou laudo: um papel que não explica ao leigo os motivos que levam determinado aluno ao tão famoso “fracasso escolar”. Além disso, conforme relata Souza (1997):

a maioria dos psicólogos que emitem laudos psicológicos a respeito das crianças com dificuldades escolares desconhecem a força desse instrumento no meio escolar. Como avaliou Patto, ao estudar casos de multi-repetentes, a avaliação de um profissional de psicologia selo destinos. (p.26)

Utilizando-se de testes ou laudos, sem ética alguma, retirando o aluno da sala para readaptá-lo, para corrigi-lo, todo o fracasso é colocado nos ombros do aluno, que isolado na sua deficiência deve alcançar sucesso por vontade própria, sendo seu destino para sempre selado. É a ordem da moderna ciência da psicologia: excluir para adaptar às categorias universais.

O texto de Soar Filho (1998) apresenta uma reflexão importante acerca de como a ciência moderna e suas categorias universais e válidas para todos as situações e contextos encontram-se atualmente em xeque. Segundo o autor:

não só elas (as categorias) estão sob suspeita, mas o modelo de ciência como um todo, o qual apontava para o ideal da racionalidade, objetividade e neutralidade do conhecimento, e cujo método baseava-se na decomposição dos fenômenos em relações simples de causalidade, na elaboração das leis gerais, na verificação empírica e na replicabilidade dos resultados. (p.86)

Se seguirmos este pensamento, ou seja, de que um fenômeno isolado é a causa de outro fenômeno, inúmeros argumentos nos servem de explicação para o fracasso do aluno: família desestruturada, baixa capacidade de concentração, deficiência mental, incapacidade

dono de sua dificuldade, pouco importa se ele não ser retirá-lo da sala de aula e voltá-lo para casa ou para o trabalho, ou se ele forá do contexto de sala de aula.

Segundo Kupfer, no entanto, a psicologia da aprendizagem (que podia finalmente ater-se às vozes dos determinantes sociais sobre os problemas de aprendizagem, 1997, p. 52) e partilhando destas, com a mesma visão acerca dos problemas de aprendizagem, da sua prática. A escola, porém, criada pela própria psicologia: educacional deve trabalhar com o aluno, adaptando-o ao ambiente desviante, para que este se adapte ao ambiente, enfim, à escola como um todo.

Um outro paradigma

A famosa “crise da Psicologia”, que se iniciou na Rússia do início do século passado, continua a assombrar a atual prática pedagógica nas instituições de ensino, quando se trata da psicologia educacional. A crise da psicologia e suas perspectivas. Vygotsky (1979, 1986) e Leont'ev (1978) conhecimento acerca de como aprender e como o ser humano no seu processo de aprendizagem, e as possíveis limitações orgânicas e/ou fisiológicas, em termos de como pensamos os sentimentos e os sentimentos aceito por décadas. Quando antes se pensava que o ser humano era um ser isolado, que se encontrava fora de seu contexto social, hoje se pensa que é um ser social, que se encontra dentro de sua escola sem esse olhar de Vygotsky e Leont'ev, que é o da psicologia dos processos psíquicos superiores. (ver Souza, 1997)

Entretanto, apesar de os achados de Vygotsky e Leont'ev darem outro rumo à Psicologia e de que a Psicologia Eduacional seja uma nova perspectiva de pensamento acerca da aprendizagem, a Psicologia Educacional ainda se encontra em crise. Justamente esta especialização de aprendizagem e o contexto escolar.

Pode-se citar como fatores de crise da Psicologia Educacional a demanda que é enorme. Há muitos profissionais que “não se adaptados” ao objetivo final da educação, que é a formação de um cidadão científico elaborado historicamente. Muitos dos profissionais da educação, que se formaram no contexto do paradigma de normalidade X anos atrás, não se adaptaram ao novo contexto de aprendizagem e o contexto escolar.

todo é maior que a soma das partes, ou seja, o funcionamento do sistema não pode ser entendido a partir do funcionamento de um só indivíduo); integridade de subsistemas (os sistemas possuem subsistemas que são integrados, relacionados uns aos outros); circularidade (todos os componentes influenciam-se mutuamente) (ver Schaffer, 1996, p. 205).

Para Tilmans-Ostyn e Kinoo (s/d):

O pensamento sistêmico funciona segundo um modelo circular. Isto significa que o lugar, o momento no qual situamos o inicio de um processo interacional, para daí deduzir uma compreensão, é totalmente arbitrário. Para iniciar a compreensão de tal processo, podemos ver outras coisas. A questão de saber quem começou, quem é a causa, não tem portanto sentido neste modo de pensamento. (p. 3)

Dessa forma, para compreendermos o processo interacional é preciso considerar diversas causas, assim como a função que determinado problema está exercendo neste processo. Tilmans-Ostyn e Kinoo (s/d), ao avaliar o processo relacional familiar, segue afirmado que:

... o enfoque sistêmico tanto na investigação como no trabalho clínico têm mostrado como o sintoma apresentado pelo paciente identificado é uma solução para manter a unidade e o equilíbrio funcional familiar neste momento determinado. Isto significa que num primeiro momento o objetivo do médico não será necessariamente a superação do sintoma, mas de buscar o sentido positivo que este sintoma pode ter para a família (p. 3).

Com esta revolução no pensamento, o aluno não pode mais ser visto como sujeito dotado de problemas, como um ente separado do sistema relacional (família e escola), mas como um sujeito relacional. O Psicólogo Educacional não mais possui hipóteses “verdadeiras” sobre os problemas do aluno, tampouco se faz neutro na escola e nas relações que ali estabelece, pois sua simples presença já modifica o sistema observado (ver Soar Filho, 1998, p. 88). Além disso, precisa aceitar a idéia de que uma dificuldade de aprendizagem pode estar exercendo alguma função em um dos sistemas no qual o aluno vive.

Assim, o Psicólogo Educacional que se baseia no novo paradigma já não pode mais eleger um único modelo de explicação para as dificuldades de aprendizagem, como, por exemplo, o modelo cognitivo, o emocional, o social, o familiar, o

a) aplicar conhecimentos psicológicos na área da educação ao processo ensino-aprendizagem, em análise das intervenções psicopedagógicas; referentes ao desenvolvimento das relações interpessoais e à integração familiar entre escola, para promover o desenvolvimento integral do aluno;

b) analisar as relações entre os diversos setores da comunidade de ensino e sua repercussão no processo de ensino; auxiliar na elaboração de procedimentos pedagógicos capazes de atender às necessidades individuais e familiares;

Inúmeras perguntas surgem a partir de uma leitura crítica e histórica da prática do Psicólogo Educacional, que não se limita às questões acima mencionadas. Tais perguntas podem ser acionadas para que o profissional possa refletir sobre como promover o desenvolvimento integral do aluno, através de intervenções psicopedagógicas mais adequadas ao contexto da família no processo de aprendizagem? Como atender às necessidades individuais dos alunos no atual sistema educacional? Como lidar com a crise atual da psicologia educacional, que impõe a impossibilidade de responder tais perguntas a satisfação? E que até então regia nossa prática.

Para diferenciar-se, portanto, o Psicólogo Educacional deve adentrar uma instituição escolar, consciente de sua identidade, de sua especialidade, precisa de início mostrar sua competência. Uma reunião inicial com a equipe pedagógica, com os supervisores e direção, assim como profissionais de outras áreas, é necessária, não só para colher dados concretos sobre o aluno, mas principalmente para demonstrar que tipo de profissional o psicólogo tem, o que pensa acerca da aprendizagem, que estratégias diferenciadas tem para atender ao esperado atendimento individual na sala de aula.

Da mesma forma, o Psicólogo Educacional deve se inserir no espaço para escutar as demandas da escola e permitir que o aluno se envolva com situações que são cotidianas. Precisa criar um ambiente de trabalho dentro da escola, com todos os sujeitos (alunos, professores, especialistas) para que se possa trabalhar coletivamente, rompendo paradigmas.

Ele precisa ouvir os alunos, o que pensam, o que sentem, o que sentem sua turma. Isso pode ser feito através de debates, de discussões, de exercícios para que escrevam o que pensam, sentem, o que sentem sua turma.

Referências

- Kupfer, M. C. M. (1997). O que toca a/à Psicologia. In M. P. R. Souza (Orgs.), *Psicologia escolar: novos rumos* (3^a ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Patto, M. H. S. (1997). Prefácio de psicologia escolar. In M. H. S. Patto (Org.), *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13, . São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Seidl de Moura, M. L. & Ribas, A. F. P. (1997). Psicologia e a realidade social: A gênese da atividade metodológica. In A. M. Machado & M. P. R. Souza (Orgs.), *Psicologia: Reflexão e Pesquisa*, 13, . São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Souza, M. P. R. (1997). A queixa escolar e o seu significado. In M. P. R. Souza (Org.), *Psicologia escolar: novos rumos* (3^a ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Soar Fº, E. J. (1998). Novos paradigmas da psicologia pós-modernas. In E. J. Soar (Org.), *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 13, . São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Tilmans-Ostyn, E. & Kinoo (s/d). *Algumas reflexões sobre a psicologia médica cotidiana*. Hospital: Herminio Valente.
- Vygotsky, L. S. (1983). *Obras escolhidas* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Zahar.
- Vygotsky, L. S. (1998). *A formação social da mente*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Vygotsky, L. S. (1979). *Historia del desarrollo psicológico del niño*. Habana/Cuba: Científico-Técnica.

desta dificuldade neste momento do ciclo vital da família e criar estratégias para possibilitar o sucesso da criança. Confrontar família e professor quando necessário, criando um espaço de diálogo franco acerca das dificuldades de todos, não só do aluno, diluindo nos sistemas a “culpa” pelo fracasso escolar. Assim, outra armadilha é enfraquecida: *a culpa sempre é da família*.

A participação do Psicólogo Educacional está no cotidiano da escola, nas reuniões de conselho de classe, onde poderá estabelecer novas maneiras de olhar os alunos, evitando rótulos, diagnósticos imprecisos e hipóteses únicas. Deverá também participar do processo de construção do Projeto Político Pedagógico da escola.

Estudar e investigar o histórico escolar deste aluno indesejado ajuda muito, às vezes sua história de fracasso escolar é proveniente de outras instituições e pode ser revertido se toda a equipe de profissionais se reconhecer como agente de transformação social. O Psicólogo Educacional, questionador, curioso e acima de tudo assumindo uma posição de “não saber”, pode criar junto à equipe uma estratégia de intervenção colaborativa, onde todos têm influência sobre o aluno, assim como sofrem influência mutuamente.

Finalmente, precisa ter a cautela para diferenciar problemas e para que as soluções sejam as mais justas e eficazes, ou seja, se um aluno é portador de necessidade especial, certamente um olhar organicista poderá ajudar na criação de estratégias de intervenção. O que aqui desejo afirmar é que não se pode descartar a possibilidade de existência de problemas de ordem congênita ou familiar, mas não justificar todo e qualquer comportamento inesperado de um aluno como fator de desajuste do próprio aluno.